

A ANTIGUIDADE NOS OBJETOS EDUCACIONAIS DIGITAIS

Kauana Candido Romeiro¹

Analisaremos três objetos educacionais digitais relacionados ao mundo antigo, compreendido a partir do mundo mesopotâmico, egípcio, grego e romano. Estes recursos digitais, os objetos educacionais digitais são imagens, recursos audiovisuais, vídeos e documentários, jogos eletrônicos, infográficos, e estão disponibilizados em DVD-ROM e presentes nos livros didáticos de História, no edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2014.

Neste material que analisamos, encontramos em sua maioria animações que se compreende na transmissão de imagens com sons (BRASIL, 2011). E, em infográficos animados, o edital do MEC (BRASIL, 2011) especifica como um recurso gráfico. O edital coloca que os lineares sem interatividade são aqueles que contam somente com a apresentação de processos, fenômenos; multimídia com narrativa multilinear, o qual apresenta fotos, áudio, vídeos como informações adicionais; outro tipo é o infográfico em base de dados, apresenta dados extras.

Assim, trazemos em destaque três objetos educacionais digitais: “O Templo de Abu”, “Deuses do Olimpo”, “As moradias romanas”, que dois destes podem ser compreendido como animações lineares e “Deuses do Olimpo” como infográfico animado em base de dados, quanto a sua interatividade. Possibilitando ver à tendência a exposição de um conteúdo, e com a tentativa de trazer a atenção do aluno, a partir de sua tomada de decisão. A relação entre aluno e conteúdo, em nossa perspectiva teórica, Rösen (2007) e Oliveira (2009), seria uma das mais importantes no ensino de história. A partir do interesse e da participa-

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Email: kauanacandido@yahoo.com.br

ção do aluno na construção de seu conhecimento, haverá uma maior potencialidade e a significância do tema e conteúdo para a vida do estudante.

Para a discussão traremos como referência Pierre Lévy (1999), que definiu estes DVDs como hiperdocumentos, pois se compõe de hipertextos dentro de uma rede *offline*. A visão, audição, tato, e interpretação são acionados a partir deste objeto digital, por meio das ilustrações, animações, legendas, informações sobre o período histórico, e com interatividade.

Também utilizamos Funari (2010) para entendermos a importância da cultura material, que se apresenta nestes objetos digitais, para a história. Além de nos referenciar em Peter Lee (2006), Sandra R. F. de Oliveira (2009) e Rösen (2007) para pensarmos no ensino de história, o qual deve ter o compromisso com a indagação, com a investigação, com a interdisciplinaridade, em pôr em evidência as fontes históricas, utilizando o conhecimento prévio dos alunos, experienciando o passado por destes documentos e vestígios. Além de instigar um conflito cognitivo e argumentativo para se aprender história. E, nós pensaremos estes pressupostos facilitados por meio desses objetos digitais, os OEDs.

51

O templo de Abu Simbel e a preservação do patrimônio cultural

“O templo de Abu Simbel” foi indicado para a apresentação na terceira unidade “Mesopotâmia, Egito e Núbia” do livro didático, “Projeto Araribá História”, iniciando o tema “A sociedade no Egito Antigo.” Por meio de imagens desta construção egípcia torna-se possível analisar tais construções.

A narrativa tem como foco o caráter técnico e a importância pessoal para o faraó desta construção. Por meio de um mapa ilustrado localiza esta construção, o Egito antigo e suas principais cidades com seus rios. Apresenta também denominações sobre as escavações feitas nas montanhas, das quais foram

construídos vários templos egípcios. Destaca a fachada do templo, apontando as figuras ali esculpidas por meio de uma imagem atual da construção, mostrando também a deterioração. Depois adentra no templo, mostrando uma pintura de batalha do faraó Ramsés II, narrando à existência de vários espaços no interior do templo. Além disso, volta para o exterior destacando as estátuas em outra fachada da construção. Nesta aponta as figuras de uma deusa, do próprio faraó e de sua esposa. Nesta imagem também atual, é possível visualizar os hieróglifos na parede do templo, os quais não são citados na narração. Também, por meio de uma ilustração do interior do templo, aponta as pinturas de deusas e mais uma vez do faraó com sua esposa. Além disso, aborda aspectos mais recentes que influenciaram na preservação deste templo, como a inundação de um rio que destruiria o templo; descreve também todo o processo de mudança deste templo de lugar, e a união do governo do Egito com a Unesco e outras organização que proporcionaram a preservação deste.

52

Acreditamos que este material digital apresenta possibilidades para o trabalho que amplia o olhar sobre as experiências do homem no tempo por meio das construções, da preservação cultural e da religião. Mas, que somente é possibilitado a partir de um cuidadoso trabalho de aprofundamento e em conjunto com os alunos. Como reflete Lee (2006, p.133): “Todos que conhecem qualquer coisa sobre educação histórica concordam que há mais na história do que o conhecimento de lembranças de eventos passados, mas nem sempre a concordância sobre o que esse mais deveria ser [...]”.

Temos em mente, uma formação histórica que desenvolve competências cognitivas, interpretativas, por meio da ampliação do contato com as experiências dos sujeitos ao estudarem sobre o passado. Em torno desta formação, alguns conceitos podem ser tomados como critérios de análise na efetividade desta formação: o desenvolvimento da empatia; autocrítica; liberdade para o ser; amplitude temporal. (RÜSEN, 2007). Proporcionando

a autocrítica de se pensar hoje nestes patrimônios e a relação que temos com estes, enquanto turistas a moradores de uma cidade, que precisa também ser preservada.

O OED traz uma exposição de imagens que migram do exterior para o interior e depois novamente para o exterior do templo, sem um roteiro e organização definidos. A localização hoje, não fica definida, pois se traz um mapa antigo, mas a divisão territorial atualmente, não é evidenciada. Desperta do OED o enfoque para o presente, o estado atual da construção, e a importância deste para o faraó, assim como, para sabermos sobre a religiosidade egípcia.

Quando pensamos o ensino de história temos em mente a formação histórica se baseia em reelaborar as experiências da vida prática, elevando-as ao nível cognitivo da ciência da história a fim de orientar a vida. Por meio do vídeo, os alunos esboçam suas dúvidas, e a partir delas podemos contextualizar, relacionar e utilizar a História para “dar uma resposta” ou não, enfim, para orientar a vida deste estudante. A formação histórica tem como objetivo desenvolver e promover as competências cognitivas, interpretativas e ampliar as experiências dos sujeitos ao estudarem sobre o passado.

Para isso, acreditamos que outros temas, a critério do professor, podem ser discutidos e analisados com maior ênfase para dar sentido tal conteúdo para o aluno, assim como utilizar de tal vídeo para ampliar e desenvolver a interpretação dos indivíduos como: os detalhes da construção; a questão da preservação de patrimônio histórico; além da passagem do tempo, e da sua deterioração natural e não. Abre caminho para pensar no papel destas organizações que dão apoio a este patrimônio e até discutir este conceito de patrimônio material. Outro caminho que o professor pode fazer é utilizá-lo apenas como ilustração de um templo, ligando-o com o livro didático, sinalizado ao lado da imagem da fachada do templo, também colocada no vídeo, sob a temática da função do faraó. E, incentivando seus alunos a responderem o questionário que acompanha o OED no DVD

do professor.

No DVD do professor, os organizadores colocaram questionários para cada OED dentro das orientações. Além disso, o professor conta com sugestões para aprofundar o trabalho com o OED em sala de aula. Para este OED há o direcionamento para a pesquisa sobre outros templos egípcios e sua importância, com indicação dos nomes de templos para facilitar o planejamento da atividade pelo professor. Também, há a indicação de *sites* para a pesquisa sobre a religião egípcia.

Com isso, outros temas são despontados deste OED, sugeridos pelos organizadores, como a religião egípcia e a comparação ou análise de outros templos, também egípcios antigos. Uma gama de temas pode ser considerada com o olhar mais aguçado do professor e dos alunos, que podem apontar seus interesses e contribuir com o aprofundamento e investigação sobre os temas.

Os deuses do Olimpo e os conceitos históricos

54

O segundo OED a ser analisado neste texto, “Os deuses do Olimpo”, apresenta uma ilustração sobre os deuses gregos Apolo, Atena, Ares, Ártemis, Hermes, Afrodite, Hera, Héstia e Deméter. Estes estão caracterizados em suas funções, por exemplo, mostra Ares com trajes de combate, em posição de luta; Hermes voando entregando um rolo de pergaminho. Todos estes muito bem trajados, ilustrado com corpos musculosos e feições que expressão suas respectivas funções na sociedade grega antiga. “Os deuses do Olimpo”, além desta ilustração e narração que apontam de maneira geral a importância dos deuses para a sociedade grega antiga, permite também, a partir dos cliques nos destaques da tela, visualizar e conhecer mais sobre cada deus representado.

Compreendemo-lo como um infográfico interativo, pois permite a exploração do navegador. (SANTOS, 2015). Além de ter a intenção de comunica-se por meio da narração e da exploração,

a partir da decisão do indivíduo. Suas estruturas de navegação se compreendem em não lineares, há liberdade para o indivíduo “navegar” no objeto. Contém ainda instruções sobre a “navegação”. As informações são desenhadas a partir da relação entre navegador/leitor e objeto, de suas explorações e tomadas de decisão no material. Não linear, o leitor tem a autonomia para explorar o infográfico como quiser.

Esta configuração visual se assemelha ao que Lévy (1996, p.40) afirma sobre um hipertexto: “O hipertexto é uma matriz de textos potenciais, sendo que alguns deles vão se realizar sobre o efeito da interação com o usuário.” Estes hipertextos e os hiperdocumentos se enquadram como uma “unimídia multimodal”: uma estrutura de comunicação, uma rede de integração digital e interativa, que estimula diferentes modalidades perceptivas. Envolvendo diferentes mídias, mas dentro de uma rede que a integra, o CD ou DVD para o hiperdocumento, ou em site, para o suporte do hipertexto.

Um OED permite ao aluno conhecer mais sobre um deus grego, mas que não apresenta mais elementos para se discutir suas influências na vida grega, nem as fontes gregas antigas, como peças ou trechos de obras que citam e detalham estes deuses, não só fisicamente, mas seus temperamentos. Retornando novamente para a exposição e para uma tentativa de se relacionar com o aluno.

Lévy (1999) defende que o envolvimento do indivíduo com as informações na tela, promovendo sua maior participação, em uma atividade exploratória lúdica, este indivíduo reterá maior as informações, construindo seu conhecimento. Estimulando e intensificando, também, a lembrança, a emoção e o prazer naquela interatividade.

Esperamos muitas vezes das artes do virtual um fascínio espetacular, uma compreensão imediata, intuitiva, sem cultura. Como se a novidade do suporte devesse anular a profundidade temporal, a espessura de sentido, a paciência da contemplação e da

interpretação. (LÉVY, 1999, p. 68).

Promover uma pausa para a contemplação minuciosa, interpretativa se respalda naquilo que permite desenvolver a formação histórica em sala de aula a partir da observação, argumentação e na construção de narrativas. Assim como compreendemos ser uma estratégia para melhor aproveitamento dos OEDs em geral. A partir destes recursos digitais temos a possibilidade do que Lévy (1996, p.42) chamou de “problemática textual”, sendo que a partir de um texto inicial se desencadeia uma série de outras ramificações de dados, elementos, que geram uma problemática ou ainda adentrando para o campo da história, o “processo de conflito cognitivo” (OLIVEIRA, 2009, p.190). Entendendo que o conhecimento histórico passa pela reelaboração dos saberes de alunos, professores, fontes e textos, os quais devem gerar situações de dúvidas, investigações, questionamentos.

Exercitando a análise de uma fonte, da qual emerge elementos para se discutir e aprofundar, este OED serve como uma ponte para analisarmos conceitos históricos, representações e imaginários, para assim, desenvolver a perspectiva da explicação histórica contingente e condicional, ou seja, pautada em uma perspectiva, a partir de uma evidência histórica, relacionando-se com os agentes (LEE, 2006).

As ramificações de temas e conceitos que o OED pode gerar são variadas, pensando aqui na promoção de um conflito no pensamento e nas representações que nós temos sobre os deuses antigos, especialmente os gregos. Por meio de sua narração e seu conteúdo aponta-se a importância da religiosidade no mundo antigo, a partir das informações nos destaques e da abertura do vídeo. Também podemos discutir sobre os modelos de representação de beleza do mundo antigo e suas permanências atualmente. Pode-se discutir a função e o imaginário sobre os trajes antigos, além de servir para a reflexão sobre os modelos criados a partir desse tema, a mitologia grega, e sua repre-

sentação no imaginário e na mídia ao longo do tempo.

Entendemos, com isso, a importância do desenvolvimento de uma “literacia histórica” (Lee, 2006), no sentido de ter compromisso com a indagação deste objeto, promover o trabalho com conceitos como, situação, evento, mudanças transformações e permanências. Orientamo-nos por um ensino de história que promova o aprofundamento de conceitos históricos.

Chartier (1990) pode nos ajudar a pensar sobre o conceito representação. Esta faz uma mediação com a realidade e o passado, ver algo que está ausente e, ao mesmo tempo, exibir uma presença. A realidade, juntamente com seus signos e referentes, são constituídos por cada grupo social. A investigação sobre uma determinada representação passa pela compreensão de como um grupo social, uma sociedade representa o mundo, por meio de seus discursos, estratégias, leituras e práticas.

Por meio deste conceito, podemos entender as construções sociais e os imaginários frente às imagens sobre os deuses antigos gregos. Toda sua forma, musculatura e beleza, enraízam-se na visão social e cultural que foi construída e que permanência sobre estas figuras. Um trabalho importante em sala de aula, pensando na promoção e desenvolvimento de ver a história por meio dos conceitos lançados pelos historiadores, e também, pela investigação social e cultural.

57

As moradias Romanas antigas, a cultura material e o presente

Neste OED, “As moradias romanas antigas”, se configura por meio de um vídeo com ilustrações de moradias mais simples, e os *domi*, que seriam as casas dos aristocratas e grandes comerciantes no mundo antigo. Detalhes como a divisão dos cômodos, o destino de cada parte da casa, sua função e seus objetos são apresentados sobre estas duas formas de moradias. Além disso, a ilustração apresenta também os comércios, e a atividade em torno da praça, com os poços para a captação de

água, mostrando um pouco do trabalho escravo no mundo antigo.

A proposta de promover a comparação e a relação entre dois grupos sociais, assim como suas moradias, seus trabalhos, e suas funções sociais, são evidentes e bem trabalhadas. Detalhes do cotidiano de um romano antigo podem ser evidenciados por meio das construções e da construção da narrativa deste OED, apontando uma história “vista por baixo”, o cotidiano e abrindo espaço para outros indivíduos na História (SHARPE, 1992).

A partir dos *Annales*, um grupo de historiadores do século XX, que ao criarem uma revista, também mudaram a perspectiva sobre a ciência histórica e a historiografia, tal perspectiva veio a incorporar estudos sobre o cotidiano, problematizando a sociedade, suas vivências, sentimentos, pensamentos e crenças. (VAINFAS, 1997). Esta renovação na História veio a contrapor a perspectiva positivista, com o enfoque voltado para os grandes nomes e figuras políticas.

Nas sugestões para o trabalho do professor sobre o OED, apontam para uma pesquisa comparativa sobre as diferentes moradias ao longo do tempo, relacionando o contexto atual no qual vive o aluno, com diferentes moradias de tribos indígenas, por exemplo. Um trabalho que requer a iniciativa do professor e que este oriente seus alunos, com materiais e sugestões, pois não há no livro do professor e nem nas sugestões no DVD, indicações de sites ou recortes.

Pensando em potencializar ainda mais este OED, temas que podem despontar deste OED: a vida cotidiana romana antiga; pode-se relacionar o presente e o passado ao promover o questionamento e o olhar ao redor de nossa própria realidade nas diferenças entre nossas moradias e outras moradias de outros povos ao longo do tempo.

E, mais uma vez, os OEDs nos colocam a pensar sobre a cultura material. Funari (2010, p. 85) nos fala da importância das fontes materiais: “[...] cultura material, que deve ser enten-

dida como tudo que é feito ou utilizado pelo homem.” Edifícios, pinturas, artefatos arqueológicos ganharam no século XIX a importância de uma fonte histórica, momento que o olhar sobre fontes se amplia, acolhendo não só documentos oficiais, mas outras fontes até imateriais, abordando também novos temas na historiografia, com o advento dos *Annales* e da História Cultural.

Com o olhar mais ampliado sobre a sociedade e os homens, a partir dos *Annales*, temos a ampliação no conceito de fontes, passando a se trabalhar com:

[...] dados de importação e exportação, salários, registros de propriedades, de produção de alimentos, técnicas de construção e seus materiais [...] registros de nascimentos, falecimentos, casamentos segundo uma visão regional. (JANOTTI, 2010, p. 14).

Sem contarmos outras fontes como: registros médicos, relatos, biografias, diários, fotografias, ilustrações, romances, cartões, filmes. Uma gama de documentos que suporta, embasa um trabalho historiográfico, e deve ser levado para sala de aula, a fim dos estudantes produzirem conhecimentos, pensamento e olhar crítico, se relacionarem e perceberem a construção do conhecimento histórico. “[...] os alunos nas escolas não buscam gerar ‘novo’ conhecimento por meio de evidências e narrativas históricas, mas eles geram novas compreensões históricas pessoais.” (SCHIMIDT, 2009, p.16).

Assim, dois dos OEDs analisados neste texto direcionam nosso olhar sobre a cultura material, os edifícios, os templos e as moradias antigas. Um seria o “Templo de Abu Simbel” e o outro “As moradias romanas antigas”. Pensando na abordagem histórica que se relaciona com a formação histórica e o trabalho com conceitos, temos em mente, um trabalho sobre o conceito de cultura material, levando os alunos a pensarem sobre os elementos culturais materiais hoje. Promovendo, com isso, o olhar investigando, permeado dos interesses dos alunos sobre a pró-

pria moradia.

Conclusão

Percebemos a riqueza desse material contendo em imagens a cultura material. Estas podem servir como fonte a partir da iniciativa do professor, pois os OEDs são expositivos em relação ao seu conteúdo, iniciando ou instigando um tema, quando pensamos nas contribuições para o ensino de história, que pode ser aprofundando e investigado pelos alunos.

Em algumas sugestões presentes nos DVDs o professor pode orientar melhor seus alunos, pois os organizadores indicam *sites*, temas e metodologias. Já a relação com o livro didático se limita a sinalização dos OEDs entre capítulos e seções. O professor pode fazer o movimento de acessar o DVD e analisar as propostas e os conteúdos. Foi este movimento que fizemos neste texto. A partir da investigação dos OEDs realçamos temas e discussões que podem ser realizadas a partir da decisão do professor.

Este material traz um dos temas mais lembrados e queridos dos alunos, a mitologia grega, servindo de reflexão para se pensar os modelos criados a partir desse tema e sua representação no imaginário e em filmes recentes. Também consideramos a importância da discussão de conceitos da História, como o imaginário e a representação. Além disso, nos propõe a pensarmos na vida cotidiana romana, relacionando o presente e o passado, promovendo o questionamento e o olhar ao redor de nossa própria realidade nas diferenças entre nossas moradias e também se pode discutir a importância da cultura material.

Referências Bibliográficas:

- BRASIL (2013). *Guia de livros didáticos: PNLD 2014 história ensino fundamental anos finais*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- BRASIL (2011). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Edital de*

convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2014. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.

CHARTIER, Roger (1990). *A História Cultural: entre práticas e representações*. RJ: Butrand Brasil.

FUNARI, Pedro P. (2010). Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla B. (org.) *Fontes Históricas*. SP: Contexto, p. 81 -110.

LEE, Peter (2006). *Em direção a um conceito de literacia histórica*. Educar: Curitiba. Disponível em: < revistas.ufpr.br/educar/article/view/5543>. Acesso em: 24 mar.2017.

LÉVY, Pierre (1999). *Cibercultura*. Trad. Carlos da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

___ (1996). *O que é virtual*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34.

OLIVEIRA, Sandra R. F. (2009). de. Pontes, jabuticabeiras, princípios pedagógicos e o ensino de História. *História e Ensino*, Londrina, v. 15, p.183-196.

RÜSEN, Jörn (2007). Didática- funções do saber histórico. In: ___. *História Viva*. Brasília: UNB. P. 85-133.

SANTOS, Gabriele M. S. dos (2015). *Infográficos interativos como material escolar: um estudo sobre a utilização dos infográficos digitais interativos para a compreensão de conteúdo escolar no ensino médio*. 202 fls. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SCHIMIDT, Maria A. (2009). Literacia histórica: um desafio para a educação histórica no século XXI. *História e Ensino*, Londrina, v.15, p.9-22.

VAINFAS, Ronaldo (1997). História das mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro F. et al. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, p. 189-240.